

The seven knowledges: an iconoclastic reading

Os sete saberes: uma leitura iconoclasta

Luiz da Costa Laurencel^{1,2}, Marcelo de Carvalho Azevedo Anache²

¹ Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

anache@ufrj.br, luizlaurencel@gmail.com

Recebido: 14/11/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 11/12/19

Abstract. *From the work of Edgar Morin, The seven knowledges necessary for the education of the future, an iconoclastic reading is presented, where, initially, the Gestalt with which we operate the thought to dominate and mediate reality will be highlighted, demonstrating the reasons why a complex knowledge. Next, we will present and comment on the seven primordial knowledge that Morin defends for a revolutionary and transformative educative praxis, a Kuhn-like paradigm shift that will reform dominant thinking through the revision of pedagogical practices pertinent to the simplifying paradigm and the search for new ones. forms of cognition that can cope with the unknown and uncertainty.*

Keywords: *Complexity. Education. Uncertainty.*

Resumo. *A partir da obra de Edgar Morin, Os sete saberes necessários à educação do futuro, se apresenta uma leitura iconoclasta, onde, inicialmente, se dará destaque a Gestalt com que operamos o pensamento para dominar e mediar a realidade, demonstrando as razões que pugnam por um conhecimento complexo. Em seguida serão apresentados e comentados os sete saberes primordiais que Morin defende para uma práxis educadora revolucionária e transformadora, uma mudança de paradigma à la Kuhn, que irá reformar o pensamento dominante através da revisão de práticas pedagógicas pertinentes ao paradigma simplificador e da busca por novas formas de cognição, que sejam capazes de dar conta do desconhecido e da incerteza.*

Palavras-chave: *Complexidade. Educação. Incerteza.*

1. Introdução

No período dos 50 anos de criação do Pasquim (em homenagem!) apresenta-se uma leitura denotada como iconoclasta na qual, obedecendo ao conceito de *fluidez* de Zygmunt Bauman

(2001) (o fluido não segue uma regra a menos que seja restringido, o que denota um totalitarismo) apresentam-se as ideias primordiais de Morin (2000) em Os sete saberes necessários à educação do futuro.

A educação do futuro depende das trajetórias que escolhermos no presente. Em síntese, a proposta de Edgar Morin. *Mutatis mutandis* lembra a Utopia de Thomas More (1995). Mais: ao definir um guia para o ensino do amanhã propugna por nada determinar sob a égide da imprevisibilidade, da incerteza, da complexidade e do humanismo planetário; tudo é provisório, em uma adaptação e modificação do conceito maior de Thomas Kuhn (2003 [1962]), o de paradigma. Cabe aos educadores (uma denotação que, fugindo a dicotomia limitante da lógica binária, não permite explicar a inclusão/exclusão) escolher os caminhos, construir a mudança, retroagir quando necessário (o ensinamento de Norbert Wiener (1894-1964) com sua Cibernética, que passa pela Teoria de Sistema e desemboca, hoje, na Automática e na Inteligência Artificial), mas com visão pró-ativa, criativa, igualitária, democrática, a ilha do amanhã de More.

Dois pontos merecem reconhecimento. "Quem educará os educadores?" Questionamento de Karl Marx em uma de suas Teses sobre Feuerbach (acusado de idealista, Ludwig Feuerbach não via a importância da *práxis* revolucionária) apropriado por Morin. Para ele, a *Gestalt* com que operamos o pensamento para dominar e mediar a realidade (que para os vinculados à Teoria Crítica, ou Escola de Frankfurt, como Horkheimer, Benjamin, Adorno, Habermas e outros, ou ao Realismo Crítico, como Roy Bhaskar, Tony Lawson, não é o real) deve ser constantemente *complexificada*, ou melhor, transformada em um conhecimento complexo. Simplificando, passar do linear ao não linear, da desordem para a ordem ou vice-versa e deslocar do nada ao tudo (ou como afirmava Jorge Luis Borges, encontrar com o *Aleph*). É bom lembrar, também, que a realidade, em sendo um fenômeno complexo, é fragmentada, compartimentada, atomizada. Já o real se constitui de intermináveis relações entre suas partes. Eis, portanto, o segundo ponto: para Pascal, o Todo (a totalidade) é maior do que a soma das partes ou "(...) sendo todas as coisas causadas ou causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas ou imediatas, sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes" em Blaise Pascal, *Pensamentos* de 1670. Vale a pena repetir a frase de Octavio Paz: "Cada indivíduo é único, cada indivíduo se compõe de inúmeros indivíduos que lhe são desconhecidos" ou também, "O que põe o mundo em movimento é a interação das diferenças, suas atrações e repulsões; a vida é pluralidade, morte é uniformidade".

Edgar Morin (2000) coloca que perante uma realidade complexa devemos pensar de forma complexa. Não é possível dialogar, analisar e operar com configurações tão plenas e tão dinâmicas utilizando um pensamento simplificador, ou melhor, um *paradigma simplificador*, redutor, reducionista, cuja visão de mundo é atomizada e com antolhos o que impede a interferência no real. Para ser atuante em um mundo heterogêneo, diversificado, uma multiplicidade, é imprescindível que as formas de mediação e apreensão desta realidade sejam complexas, um pensamento complexo. Para Morin a *práxis* educadora será revolucionária, transformadora, uma mudança de paradigma *à la* Kuhn (2003 [1962]) que irá reformar o pensamento dominante. Para Morin, no texto em apreço:

Freud afirmava que há três funções impossíveis por definição: educar, governar, psicanalisar. É que são mais que funções ou profissões. O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão, uma missão de transmissão (MORIN, 2000, p. 101).

Morin (2000) clama por modificar, adaptar os saberes, revisar práticas pedagógicas pertinentes ao paradigma simplificador, buscar novas formas de cognição capazes de dar conta do desconhecido e da incerteza, do fluído de Zygmunt Bauman (2001), do nebuloso de Lofti Zadeh (1965), das novas demandas dos séculos do porvir, no novo contexto da cidadania e da ética. Sugere, portanto, os sete saberes primordiais para o futuro; cada um será exposto em forma reduzida com comentários.

2. O nó górdio do conhecimento: o erro e a ilusão

Como distinguir o sonho da vigília, o objetivo do subjetivo, a possibilidade do equívoco e/ou da ilusão? *Errare humanum est, perseverare autem diabolicum* (desde 1974 em música de Jorge Ben Jor); a estrutura psíquica humana possui mecanismos de autojustificativa capazes de introjetar nos outros o próprio erro. A mentira para si próprio (*self-deception*; mas cuidado com a distinção entre je e moi em Lacan), é uma inesgotável fonte de erros e ilusões. O que dizer dos erros mentais, dos erros intelectuais, dos erros da razão, impedidores de distinguir o real. Ao observar o efeito do exógeno, talvez não observável, é possível incorrer em erros de percepção ou julgamento, os quais podem até ser endógenos. A crença, por sua vez, pode obliterar a visão de mundo. Continua-se a aceitar o mecanicismo de Newton e o determinismo como o conhecimento científico, estático, fiel espelho da realidade (mas note, a imagem real está atrás do espelho; salve o fotógrafo lambe-lambe do passado). Há uma ordem implícita na sociedade, a qual é predeterminada e não permite dar conta do inesperado, da *emergência* e do acaso. É a verdade, são as leis pétreas, quer de ordens ou de certezas que regem a Ciência e a razão. Ao construir a educação do futuro, no hoje se deve pugnar pela crítica e pela autocrítica, de modo reflexivo (não é a crítica por si só, é a busca da explicação, do entendimento, da parte no todo ou em como alcançar a totalidade). Ela será a luz que iluminará as trevas do conhecimento cartesiano.

3. Os princípios de um conhecimento pertinente

Em um emaranhado de informações, em uma sociedade de redes (*vide* Manuel Castells autor da trilogia A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (2002, 2003, 2007); propõe o conceito de capitalismo informacional e mapeia cenários mediados pela tecnologia da informação e da comunicação, o que parece ser a *Hidra de Lerna contemporânea*), como discernir o que é criativo, como evitar as disputas ideológicas, o logro das inovações, como discernir o que é chave e os conceitos mestres? Ou melhor, como promover uma relação dialógica entre o particular e o geral, a parte e o todo (Jurgen Habermas (2003) propõe o *diálogo comunicativo*)? Há um *paradigma disjuntor* que determina uma dupla visão de mundo, falsamente antagônica em sua generalidade e que não reconhece o *outro* (*vide* Evandro Ouriques (2014, 2017) e sua Emancipação

Psicopolítica da Cena e seus desdobramentos), *sapien/demens* em Morin, divisões estanques não comunicáveis, uma lógica computacional, que impede o terceiro excluído e com isso não reconhece a transdisciplinaridade. É necessário escapar deste solipsismo e conceber uma educação apta a lidar com novas realidades, inter, multi e transdisciplinares, problemas transversais, globais, planetários (a nova visão do *Cosmo*). A educação do futuro irá escamotear a *razão instrumental* e construir novas estruturas cognitivas além de transformar a *criatividade* no *modus faciendi* das múltiplas inteligências do que virá a ser.

4. Ensinar a condição humana

Creio ser interessante aqui discutir um pouco os posicionamentos da filósofa Hannah Arendt, autora de A Condição Humana de 2009 [1958] e da psicanalista Chantal Mouffe (esposa de Ernesto Laclau, filósofo argentino). A subjetividade e outros *locus* privilegiados do pensamento tradicional tem que ser desconstruídos (o que nos remete a Jacques Derrida autor de Estrutura, Signo e Jogo no Discurso das Ciências Humanas de 2009 [1972] e outros livros). A metafísica que pensa a identidade ou também dita como da presença, deve ser substituída pelo pensamento da diferença (a qual não é a diferença na filosofia do existencialismo de Martin Heidegger; esta aparece reificada determinando os lugares para o aparecimento do autêntico). Almeja-se que o projeto de destruição da metafísica seja superado pelo projeto de sua desconstrução (à la Derrida, Guattari, Deleuze e Foucault). Arendt (2009 [1958]) inicia seu projeto sobre a política no contexto da diferença ontológica de Heidegger. Política faz a diferença, cria a possibilidade do novo e gera o otimismo em pensar a dignidade da política. Retorna, portanto, às origens gregas da política, sua gênese, e alicerçada na fenomenologia, realiza a transição política até a modernidade. Busca aproximar o privado e a natureza da política; a modernidade irá afirmar, via pensamento grego, a vida na Política, a vida biológica, as condições de sobrevivência e do trabalho. Isto significa uma específica despolitização. Contudo, o que entrelaça as duas damas é afirmar a política para além da racionalidade e a diagnose da modernidade. Mas, para Mouffe o que importa é a perspectiva econômica do liberalismo contemporâneo na qual a política desaparece. Para ambas, a condição humana na modernidade não se pauta no holismo, mas sim num *individualismo* (à la Louis Dumont autor de O Individualismo: uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna, 1993); a modernidade, então, alcança unicamente uma democracia representativa e não participativa, a visão de mundo liberal não sendo necessariamente vinculada a democracia. Mouffe, alicerçada no jurista Carl Schmitt, trava amplo debate com John Rawls, Richard Rorty e Jürgen Habermas. Logo, é necessário repensar a política (a educacional inclusa) de modo a implementar uma nova democracia que, junto com Ernesto Laclau denota como *democracia agonística*. Contudo, nem tudo é identidade, há divergência quanto ao pluralismo na política. É óbvio que este modesto resumo não contempla o pensamento pleno de ambas as damas, suas confluências e conflitos, porém fornece um panorama das dificuldades exploradas por Morin. Deve-se reiterar a condição cósmica, terrestre, física, assim como biológica e psicológica, social e humana, mesmo com a turbulência, a diversificação, a complexidade, o caos que tudo isso significa, deve ser sempre lembrada, sem cair no esquecimento.

5. Lecionar a identidade terrena

Apesar do passado *lejano*, somos todos originários da mesma espécie (dilemas arqueológicos e/ou antropológicos a parte). Não há claramente uma cisão genética, o que nos torna humanos com as mesmas peculiaridades e características (e individualidades); a globalização e a mundialização é unificadora, mas pode vir a ser conflituosa (vide François Chesnais (*et al.*) autor de Uma Nova Fase do Capitalismo de 2003, A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências de 2005 ou Milena Gomes de Medeiros, Mundialização do Capital e Educação Superior de 2018, que apresentam o contraste ao otimismo de Morin). É necessário avaliar os movimentos englobando consciência e ação ecológica, consciência e ação pró-direitos humanos, de imigração (vide Francisco de Oliveira autor de A Economia Brasileira: Crítica a Razão Dualista/ O Ornitorrinco de 2003 ou Brasil: uma Biografia Não Autorizada de 2018 o qual mostra que a imigração foi um processo da cultura e da identidade brasileiras), das minorias étnicas, culturais, sexuais e outras. As ações citadas, com reações disseminadas pelo “saber” do paradigma dominante, são denotadas como absurdas, anticapitalistas, etc...e servem para explicitar um sentimento de companheirismo, compreensão e solidariedade local e planetária. Não se deve “fazer vista grossa” para a negentropia (ou sintropia) decorrente do desenvolvimento técnico-científico como a disseminação de vírus, quer computacional como biológico, tráfico de drogas, mulheres ou órgãos humanos, emissão de gases poluentes, produção de dejetos químicos e também nucleares, sobras de uma economia consumista desenfreada e outros. Morin propõe uma *ética da compreensão planetária*, ou melhor, “a coruja da sabedoria sempre empreende seu voo ao entardecer”. É uma impossibilidade caso não se pense na *mudança de paradigma* na política, como presente nas parcas linhas anteriores.

6. O enfrentamento das incertezas

Deve-se, retomar os passos da História do Cosmo e da História da Humanidade para apreender com os erros e ilusões (a retroação) e buscar a voz da estória, plena de ordens, determinismos, evoluções e progressos, mas, que engloba também turbulências, acasos, incertezas e involuções. Fica patente a impossibilidade total de previsão do futuro (como era gostoso obedecer ao preconizado pelas Pitonisas, sacerdotisas do Oráculo de Delfos) apesar da incorporação do *Princípio da Incerteza* (de forma marginal), conceito surgido na Física, mais explicitamente na mecânica quântica, através da formulação de Werner Heisenberg em 1927 que afirmava: há um limite na precisão com que dados pares de propriedades, denotadas como *variáveis complementares*-posição e momento linear, de uma dada partícula, podem ser conhecidos (em nível quântico quanto menor for a incerteza na medida de posição de uma partícula maior será a incerteza de seu momento linear e vice-versa; de forma mais geral, quanto mais precisamente se mensurar uma grandeza, obrigatoriamente mais será imprecisa a medida da grandeza correspondente, canonicamente conjugada). Questão: como mensurar a Física Quântica? A probabilidade não dá conta, ao menos no contexto de Kolmogorov. Os novos umbrais da educação permitirão maior disparidade na construção criativa de conceitos ainda não plenamente observados (por exemplo, simetria). Para Morin, “navega-se em um oceano de incertezas no qual é possível encontrar pequenas ilhas de certeza”.

7. Lecionar a compreensão

A educação do futuro deverá assumir compromisso total com o espírito democrático, pleno e aberto. Deverá, também, ensinar a ética da compreensão. Mas, como entender a compreensão? Por mais paradoxal que seja, em uma época em que os instrumentos de comunicação atingem um momento de apogeu, a informação é ampla e irrestrita, a solidariedade é colocada em xeque. A compreensão mútua parece ser o atalho *sine qua non* para alcançar a compreensão humana intersubjetiva, envolvendo a empatia, a identificação e a proteção do outro, não bastando lhe dar voz, mas amparando-o, lhe dando afeto e o incluindo neste contexto geral e planetário. Não basta o voto. O importante é que quem o recebeu pugne por valores humanistas, aceite a tarefa de ser revolucionário, na *práxis* em seu *eu* interior, uma homeostase no *sistema mundi*. Abaixo o egoísmo, o egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo, o pensamento frio e redutor, a alienação na qual o homem se escamoteia dos meios de produção. Mas, sem reificação, como dar valor às coisas? Bem, é importante repensar o uso dos recursos escassos, a utilidade e o caráter do *homo economicus*.

8. A ética do gênero humano

Nos dias atuais, a questão de gênero é uma problemática complexa, de diferentes tipologias, incorporando saberes distintos, como, a criatividade, a cultura, em uma mistura na qual a ideologia acaba por dominar. Não é fácil lidar com o ativismo de Laura Diaz do Teto Preto para quem a nudez é uma forma de rebeldia que, numa catarse coletiva une a dança, a música, o vídeo, a festa Mamba Negra que ocorre nas ocupações de locais abandonados. Como escapar aqui da dicotomia pertinência/independência do clima instaurado na balada (que já é um termo pejorativo)? O trabalho é holista, do grupo, mas é uma performance, que no contexto artístico é individual. O que se pode afirmar da ética? Vejo, neste exemplo, a democracia agonística exercendo, via política, seu papel democrático. O ator buscando a compreensão, uma parte do todo caótico da sociedade capitalista, mas na essência, um revolucionário lutando por sua ética, nova, crítica ao *status quo*, buscando um coletivo com a educação do futuro. Vamos pensar a tríade indivíduo/sociedade/espécie. Não é, nem deve ser, uma Santa Trindade (mas pode ser um par que acrescenta um *tertio*). Uma leitura possível é a de três esferas inseparáveis, co-produtoras entre si, com relação dialógica complexa: são concomitantemente complementares e concorrentes. A *antropo-ética* deverá se apropriar de toda esta cadeia complexa e resgatar a essência humana. A ética do gênero humano recupera o Ser Humano como condição real, como realidade vital, como parte da psicologia topológica de Kurt Lewin (1973). A humanidade será um ente vivo nos corações e nas mentes dos homens e das mulheres. A reforma do pensamento e do entendimento só irá ocorrer quando da *mutação* de nosso pensamento, de nosso entendimento do *real*, de nosso *savoir faire* do viver e da construção do conhecimento.

9. Conclusões

Muito ainda pode ser dito, mas agora é o momento da reflexão, do silêncio (que entre os surdos é o maior ruído; Thomas Harris escreve o Silêncio dos Inocentes que Ted Tally

adapta para o cinema, com Jodie Foster e Anthony Hopkins dando vida ao enredo, na busca pelas borboletas de *Buffalo Bill*).

Termina-se com um trecho de livro de Morin:

Fala-se da Transdisciplinaridade, mas por toda parte o *princípio da disjunção* continua a separar às cegas. Aqui, acolá, começa-se a ver que o divórcio entre cultura humanista e cultura científica é desastroso para ambas, mas os que se esforçam para estabelecer a ponte entre as mesmas continuam a ser marginalizados e ridicularizados (MORIN, 2001, p. 288).

Vale recomendar o livro de Maria da Conceição de Almeida, *Complexidade, Saberes Científicos, Saberes da Tradição* (ALMEIDA, 2017), Professora da UFRN que encontra na Lagoa do Piató seu refúgio planetário.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALMEIDA, M.C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria Física, 2ª ed. 2017.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 [1958].

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. III, O Fim do Milênio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

_____. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. II, O Poder da Identidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CHESNAIS, F. **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo, 2005.

CHESNAIS, F.; DUMÉNIL, G.; LÉVY, D.; WALLERSTEIN, I. **Uma nova fase do capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003.

DERRIDA, J. A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, J. **A Escritura e a Diferença**. Tradução Maria Beatriz Nizza da Silva. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva, p. 407-426, 2009 [1972].

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa**, I y II. Ed. Taurus. 4ª edición. España, 2003.

HEISENBERG, W. Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik. **Zeitschrift für Physik**, 43, 3-4, p. 172-98, 1927.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 [1962].

LEWIN, K. **Principios de Psicologia Topológica**. Cultrix, 1973.

MEDEIROS, M.G. **Mundialização do capital e educação superior**. Rio de Janeiro, Ed. Lumen Júris, 2018.

MORE, T. **Utopia**. In: ADAMS, Robert M.; MILLER, Clarence H. (trad.). New York: Cambridge University Press, 1995.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

_____. **O método 4**: As ideias. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo, Boitempo, 2003.

_____. **Brasil**: uma biografia não autorizada. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2018.

OURIQUES, E.V. Sobre a Economia Psicopolítica. **Ofícios Terrestres**, n. 31, p. 30-48, julho/dezembro, 2014.

_____. A psicopolítica como renovação da teoria social e da filosofia. In: ROJAS, Carlos Del.Valle; ECHETO, Víctor Silva. (Eds.). **Crisis, comunicación y crítica política**. Quito: Ciespal, 2017. Cap. 3, pp. 310-341.

PASCAL, B. **Pensamentos** (Pensées). In: Milliet, Sérgio (trad. e org.) & Des Granges, Ch. M. (introdução e notas) Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A. 1966 [1670], p. 1-324.

ZADEH, L.A. Fuzzy sets. **Fuzzy Sets, Information and Control**, v. 8, p. 338-353, 1965.